

Terrorismo Internacional : a complexidade de um fenômeno atual.

José Maria da Mota Ferreira; Reinaldo Nonato de Oliveira Lima; Heron Clementino de Andrade

O terrorismo tem estado presente ao longo da História nas mais diferentes culturas, configurando-se em ações de barbárie infladas pelo fanatismo político, religioso ou étnico. De fato, após os atentados nos Estados Unidos (EUA), em 2001 esse fenômeno surgiu como uma nova ameaça à estabilidade de estados e à segurança das pessoas. Este artigo pretende abordar alguns aspectos importantes sobre essa realidade, que auxiliem o leitor a ter uma compreensão geral sobre a ameaça à paz internacional que ela representa.

O termo “terrorista” possui uma conotação negativa sob os olhos da opinião pública, devido ao impacto psicológico causado pela violência de suas ações. Por isso, as organizações terroristas procuram se apresentar na mídia como defensoras de “causas legítimas”.

Se observarmos a História recente, veremos que após a Segunda Guerra Mundial, grupos nacionalistas realizaram massacres em nome do anticolonialismo e da libertação de seus países do jugo colonial na África e na Ásia. Nesse contexto, Yasser Arafat, então líder da Organização para Libertação da Palestina (OLP), em discurso de novembro de 1974 na Assembléia Geral da ONU, declarou:

“A diferença entre revolucionário e terrorista está no motivo pelo qual cada um deles luta. Isso porque quem quer que assuma posição por uma causa justa e batalhe pela liberdade e pela libertação de sua terra do jugo de invasores, assentadores e colonizadores não pode de modo algum ser chamado de terrorista”.^[1]

As lutas de tais movimentos têm garantido certa legitimidade política pelo direito de autodeterminação dos povos e têm encontrado respaldo na opinião pública. Com isso, seus integrantes não aceitam ser chamados depreciativamente de “terroristas”, por

estarem lutando por uma causa “justa”, como “combatentes da liberdade”. Assim, a classificação de um ato como “terrorista” adquire critérios subjetivos, dependendo da simpatia ou da aversão à causa por parte de quem acompanha os fatos.

Com o final da Guerra Fria em 1989, o mundo entrou numa fase de transição. Antes, claramente dividido entre EUA e União Soviética, o poder começa a ser compartilhado política e economicamente por outras nações. A partir desse momento, conflitos, antes regionalizados, ganham espaço na esfera mundial e se manifestam no flagelo do terrorismo, como uma nova ameaça à pretendida paz mundial.

Essa nova ameaça, facilitada pelo desenvolvimento científico-tecnológico e pela globalização, é exacerbada pelo incremento das relações econômicas entre as nações, que diminuiu as distâncias entre os povos, permitindo que as ações terroristas, antes de conhecimento restrito a um determinado ambiente, se divulgassem rapidamente pelo mundo, através dos meios de comunicação.

Mas, como definir um fenômeno de tamanha complexidade como o terrorismo?

Mesmo os grandes estudiosos do assunto e agências governamentais têm divergências na definição de “terrorismo”. “O terrorismo é a ameaça ou o uso da violência com propósitos políticos quando tal ação tenciona influenciar a atitude e o comportamento de um público-alvo mais amplo, que é sua vítima imediata, e suas ramificações transcendem as fronteiras nacionais”. (Peter Sederberg).[\[2\]](#)

A mídia moderna, no intuito de comunicar sua mensagem de maneira rápida, cristalizou na mente das pessoas a imagem do terrorismo reduzindo-o a uma gama de atos violentos, conduzindo a uma visão míope de um problema de enorme complexidade. De modo geral, jornais e revistas ou mesmo a televisão divulgam atos discrepantes como explosões de prédios, assassinatos de líderes políticos, venda de remédios falsificados ou quaisquer outros atos com grande violência como incidentes

terroristas.

Contudo, em sentido mais amplo, o conceito contemporâneo do fenômeno do terrorismo é o que o vincula a ações de caráter predominantemente político. "... está vinculado de forma inextricável ao poder: a busca, a conquista e o uso do poder para conseguir mudança política". (Whittaker,David)[3] Seu objetivo é a busca de mudança do *status quo* de seus países com uso pontual da violência, amplificada pelo uso dos meios de comunicação.

Uma característica fundamental do "terrorismo" é que suas ações são planejadas, calculadas e conduzidas por "quem quer que tente impor suas opiniões por um sistema de intimidação coercitiva". (Hoffman) [4]

Além das questões nacionais, étnicas e religiosas, o fenômeno do terrorismo tem se manifestado como forma de contraponto dos mais fracos à ordem internacional estabelecida. Grupos ou milícias, sem se constituírem Estados Nacionais, realizam ações de forma independente, sem o medo de o país a que pertencem sofrer retaliações econômico-militares das grandes potências.

Outro modo de percepção do "terrorismo" é a sua similaridade com a guerrilha e com crimes comuns. De fato, a guerrilha também utiliza as mesmas táticas como seqüestros, assassinatos, captura de reféns e explosões, com as mesmas intenções dos terroristas, de coação e intimidação psicológica. Porém, a diferença reside no fato de a guerrilha apresentar grupos numericamente superiores de elementos armados que operam como força militar ao conquistar e ocupar terreno, ao contrário dos terroristas que, geralmente, não agem em terreno aberto e evitam o engajamento em combate com tropas inimigas. Em relação à criminalidade comum, a semelhança com o terrorismo está no uso extremo da violência para atingir um objetivo definido. Contudo, os criminosos agem por motivações pessoais, como adquirir dinheiro e bens materiais, sem cunho ideológico, ao passo que o terrorismo e a guerrilha anseiam

pela mudança do “sistema”.

Os atentados ocorridos nos Estados Unidos (EUA) em 11 de setembro 2001 “apresentaram potencial para ocasionar mudanças importantes nas relações internacionais e na disposição mundial para tolerar tais atos”·[5]. Com ampla cobertura na mídia ao redor do mundo, esse ato “terrorista” sensibilizou toda a opinião pública mundial e colocou o terrorismo na ordem do dia nas discussões da comunidade internacional. O que se seguiu foi a declaração americana de guerra ao terror, com as intervenções militares no Oriente Médio (Afeganistão e Iraque), deflagrando um conflito que ainda está longe de ter uma solução. A complexidade do fenômeno terrorismo torna árdua para qualquer governo a tarefa de combatê-lo.

Hoje, mais do que nunca, o terrorismo não respeita fronteiras ou qualquer conceito de áreas de limitação de conflitos, ou mesmo não considera a existência de territórios neutros. O problema afeta toda a comunidade mundial, pois os grupos terroristas espalharam-se e estão prontos a utilizar a violência de forma deliberada com o objetivo de inspirar medo e atrair publicidade para suas metas políticas.

Assim, as considerações apresentadas nos permitem ter uma melhor compreensão do terrorismo internacional quando diante dos fatos que nos são trazidos diariamente pelos noticiários. Contudo, é de se ressaltar que o fenômeno do terrorismo envolve questões de maior amplitude e complexidade. Entendê-lo e combatê-lo de maneira eficaz é responsabilidade das autoridades nacionais, a quem cabe medidas de prevenção contra atos como o do fatídico 11 de setembro de 2001.

José Maria da Mota Ferreira é Coronel da Reserva do Exército, Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e membro do Centro de Estudos Estratégicos da ECEME.

Reinaldo Nonato de Oliveira Lima é Coronel da Reserva do Exército, Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Mestre em Operações Militares pela Escola de

Aperfeiçoamento de Oficiais, Doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e membro do Centro de Estudos Estratégicos da ECEME.

Heron Clementino de Andrade é Major de Intendência do Exército Brasileiro e Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Atualmente, é aluno do Curso de Comando e Estado-Maior da ECEME e desenvolve seu trabalho de conclusão de curso sobre o assunto em pauta.

REFERÊNCIAS

Whittaker, David j. Terrorismo – Um Retrato. 2.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005

TOFFLER, A; TOFFLER, H. Guerra e Anti Guerra: Sobrevivência na aurora do Terceiro Milênio; tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Record, 1994.

Kanaan, Georges Feres - Maj. Inf. A necessidade de o Exército Brasileiro adotar uma doutrina para combater o terrorismo. Monografia ECEME. Rio de Janeiro, 2006.

[1] Whitakker, David J. Terrorismo-Um retrato. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005 p. 23.

[2] Whitakker, David J. Terrorismo-Um retrato. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005 p.19

[3] Whitakker, David J. Terrorismo-Um retrato. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005 p.21.

[4] Whitakker, David J. Terrorismo-Um retrato. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005 p.21.

[5] Kanaan, Georges Feres - Maj. Inf. A necessidade de o Exército Brasileiro adotar uma doutrina para combater o terrorismo. Monografia ECEME. Rio de Janeiro, 2006.